

# O aprofundamento do conflito sino-americano

*Analisando as tendências recentes das tensões internacionais, em particular as dinâmicas das potências imperiais estabelecidas e das potências em ascensão, o autor argumenta que as relações sino-americanas devem inevitavelmente se agravar em futuro próximo.*

*Palavras-chave: Conflitos Internacionais, Estados Imperiais Estabelecidos, Potências Emergentes, Estados Unidos, China.*



## The sino-US conflict deepens

*Analyzing recent tendencies of international tensions, in particular the dynamics of established and rising imperial powers, the author argues in this article that the Sino-US relations should inevitably intensify in the near future.*

*Keywords: International Conflicts, Established Imperial Powers, Rising Powers, China, United States.*

---

James Petras: Professor  
da University of Binghamton, EUA.

## 1 INTRODUÇÃO

A intensificação dos conflitos entre a China e os Estados Unidos levará inevitavelmente a uma conflagração mundial? Se a história do passado recente traz algum indicativo, a resposta é um sonoro “sim”. As guerras mais destrutivas do século XX resultaram de confrontos entre poderes imperiais “estabelecidos e em ascensão”. As práticas e políticas dos primeiros guiam os últimos.

A exploração colonial inglesa na Índia – de seus mercados, seus tesouros, suas matérias-primas e sua mão de obra – serviu de modelo para a guerra da Alemanha e a tentativa de conquista da Rússia. A inimizade entre Churchill e Hitler tinha a ver tanto com a visão imperialista comum aos dois como com seus pontos de vista conflitantes sobre política. Da mesma maneira, a pilhagem colonial europeia e estadunidense no Sudeste da Ásia e nas cidades costeiras da China serviu de modelo para o movimento japonês de colonização e exploração da Manchúria, Coreia e China continental.

A cada instante, conflitos entre os poderes imperiais estabelecidos – porém estagnados – e impérios dinâmicos de desenvolvimento tardio levaram a guerras mundiais em que só a intervenção de outro poder imperial ascendente, os Estados Unidos (bem como a inesperada proeza da União Soviética), impediu a derrota das potências emergentes. Os EUA saíram da guerra como a potência imperial dominante, deslocando os impérios europeus estabelecidos, subordinando a Alemanha e o Japão, e enfrentando o bloco sino-soviético. Com o desaparecimento da URSS e a conversão da China em país capitalista dinâmico, o palco estava montado para um novo confronto entre um poder imperial estabelecido, os EUA e seus aliados europeus, e a China, a nova potência mundial emergente.

O império estadunidense cobre o mundo com cerca de oitocentas bases militares, alianças multilaterais (OTAN) e bilaterais, ocupando uma posição dominante nas autodenominadas instituições financeiras internacionais (Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional), bancos multinacionais, empresas de investimento e indústrias na Ásia, na América Latina, na Europa e em outros lugares. A China não contestou ou adotou o modelo estadunidense de construção de império militar. Muito menos se voltou para a prévia abordagem japonesa ou alemã de desafiar os impé-

rios estabelecidos. Seu crescimento dinâmico é impulsionado pela competitividade econômica, por relações de mercado guiadas por um estado desenvolvimentista, pela vontade de usar, aprender, inovar e se expandir interna e externamente deslocando a supremacia do mercado estadunidense em regiões e países da América Latina, Oriente Médio e Ásia, bem como no interior dos EUA e da União Europeia.

## 2 ESTADOS IMPERIAIS ESTABELECIDOS

As guerras mundiais e regionais, ao envolver poderes consolidados (e a maioria das guerras engajaram diretamente e por vias alternativas os estados imperiais), resultaram de esforços para manter posições privilegiadas nos mercados estabelecidos, mediante acesso a matérias-primas, exploração mercantil do trabalho e acordos coloniais bilaterais e multilaterais. Frequentemente, zonas comerciais ligaram países e regiões imperiais a seus dependentes e excluíram concorrentes potenciais; bases militares foram “superimpostas” a zonas econômicas controladas pelo império; redes de clientela política favoreceram os países imperialistas (BIX, 2000).

Dado o estabelecimento privilegiado e prematuro de seus domínios imperiais, as potências consolidadas retrataram os poderes imperiais tardios como “agressores” que ameaçavam a “paz”, ou seja, suas posições hegemônicas. Esses últimos estados acompanharam o modelo dos impérios estabelecidos: conquistas militares de estados clientes coloniais e não coloniais seguidas de pilhagem.

Sem redes, sátrapas (protetores do império) e clientes dos estados consolidados, as potências imperiais emergentes se ampararam no poder militar, nos movimentos separatistas e em “quinta colunas” (movimentos locais, cuja principal lealdade era com a ascensão do poder imperial). As potências emergentes alegaram que sua busca “legítima” por uma parte do poder mundial era bloqueada por boicotes econômicos ilegais quanto ao acesso a matérias-primas e que os sistemas mercantis coloniais fecharam mercados potenciais (MILLER, 2007). Com o apoio crucial da URSS e dos EUA, os estados imperiais consolidados derrotaram as potências emergentes (Alemanha e Japão) e estabeleceram os fundamentos para um novo conjunto de impérios que competiram e conflitaram em novas bases. A URSS estabeleceu um grupo ideológico-militar de Estados-satélites

confinados à Europa Oriental, no qual o centro imperial subsidiava economicamente sua clientela em troca de controle político. Os Estados Unidos substituíram as potências coloniais europeias mediante uma rede mundial de tratados militares e a forte difusão nas ex-colônias de um sistema de dependência neocolonial (PETRAS; MORLEY, 1981).

O colapso do Império Soviético e a implosão da URSS abriram, momentaneamente, novas perspectivas em Washington para um império unipolar sem concorrentes ou adversários, uma “*pax americana*”.<sup>1</sup> Essa “visão”, baseada em uma análise superficial e unidimensional da supremacia militar imperial americana, ignorou inúmeras deficiências cruciais: o relativo declínio do poder econômico estadunidense face a forte concorrência da União Européia, do Japão, dos países recém-industrializados e, desde o início da década de noventa, da China; as frágeis fundações do poder imperial estadunidense no Terceiro Mundo baseadas em uma clientela de colaboradores altamente vulnerável, cuja economia, sujeita a pilhagem, não era sustentável; a desindustrialização e a financeirização da economia estadunidense, conduzindo ao declínio do comércio de mercadorias e tornando os lucros mais dependentes dos serviços financeiros. A quase total especulação do setor financeiro levou a grande volatilidade e saque de bens produtivos como garantia para a crescente projeção da dívida.

Em outras palavras, o “edifício externo” de um império unipolar ofuscou o aprofundamento da podridão interna e a profunda contradição entre maior crescimento externo e deterioração doméstica. A rápida expansão militar estadunidense, substituindo o Pacto de Varsóvia da URSS com a incorporação dos países do Leste Europeu à OTAN, criou a imagem de um império dinâmico irrepreensível. A pilhagem e transferência de riqueza da Rússia, Europa Oriental e da antiga República Soviética deram a aparência de um império econômico vibrante.

Uma vez que a pilhagem foi uma “tacada” inesperada, vários problemas ocorreram: o furto enriqueceu principalmente os gângsteres oligarcas russos; as empresas públicas privatizadas passaram, na maioria, para a Alemanha e os países da União Europeia. O império estadunidense, que bancou os custos de promover a queda da URSS, não foi o principal beneficiário econômico – seu ganho foi, sobretudo, militar, ideológico e simbólico.

As consequências significativas no longo prazo das vitórias militares pós-soviéticas dos Estados Unidos ocorreram durante os regimes de Bush

(pai) e de Clinton, no início e meados dos anos 1990. A invasão do Iraque e a rápida destruição da Iugoslávia deram enorme impulso à consolidação do império militar estadunidense. As rápidas vitórias militares, a posterior colonização – de fato – do norte do Iraque e o controle sobre seu comércio e seu orçamento reviveram a ideia de que o governo imperial, mediante a colonização, era um projeto histórico viável. Da mesma forma, a criação de Kosovo (subsequente ao bombardeio de Belgrado) e sua transformação em massiva base militar da OTAN reforçou a ideia de que a expansão global sob condução militar era a “onda do futuro”.<sup>2</sup> Ainda mais desastroso foi o fato de que, na construção do império, a primazia militar sobre a econômica levou à ascensão de ideólogos militaristas “linha dura”, profundamente enraizados na metafísica militar israelista-sionista de intermináveis guerras coloniais.<sup>3</sup> Como resultado, no início do novo milênio, todas as peças políticas, militares e ideológicas estavam posicionadas para o lançamento de uma série de guerras imperial-sionistas que, ademais, promoveram o esgotamento da economia estadunidense, aprofundaram seus déficits comerciais e orçamentários, abrindo caminho para o surgimento de impérios dirigidos pela nova dinâmica da “economia de mercado”.<sup>4</sup>

Ao contrário dos primeiros poderes emergentes, desde o início, a China confiou no desenvolvimento das forças produtivas domésticas, apoiando-se em conquistas fundamentais de sua revolução social. A revolução social criou um país unificado, destituiu enclaves coloniais, criou uma força de trabalho saudável e educada, uma infraestrutura básica e indústrias. As novas lideranças capitalistas liberaram a economia e convidaram o capital estrangeiro a fornecer tecnologia, abrir mercados externos e fornecer habilidades gerenciais capitalistas, ao tempo em que mantém controle sobre o sistema financeiro e as indústrias estratégicas. O mais importante foi a criação, pela agricultura semiprivatizada, de uma força de trabalho excedente, numerosa e barata que seria intensamente explorada nas montadoras costeiras. Os novos governantes capitalistas eliminaram a rede de segurança social de saúde e de educação básica gratuita forçando altas taxas de poupança para cobrir despesas médicas e de ensino e aumentando as taxas de investimentos a níveis astronômicos. Ao menos inicialmente, a China, em contraste com os primeiros poderes emergentes, intensificou a exploração do trabalho e de recursos domésticos, em vez de engajar-se em conquistas militares no exterior, na pilhagem de recursos e na exploração do “trabalho forçado”.

A expansão ultramarina chinesa foi conduzida pelo mercado, baseada em uma tríplice aliança entre o Estado e os capitais estrangeiros e nacionais. Ao longo do tempo, o papel de cada ator variou de acordo com as circunstâncias políticas e econômicas e o realinhamento de forças capitalistas internas.

Desde o início, o mercado interno foi sacrificado na busca de mercados externos. O consumo de massa foi postergado em favor do investimento estatal e privado da elite, dos lucros e da riqueza. A acumulação rápida e maciça aumentou as desigualdades e concentrou o poder no topo do novo sistema híbrido de classes estatal-capitalistas.<sup>5</sup>

Em contraste com os poderes estabelecidos do passado e os Estados Unidos de hoje, a China, como potência emergente, subordinou os bancos para financiar sua produção industrial, especialmente os setores de exportação. Ao contrário dos EUA, a China repudiou grandes gastos militares em bases no exterior, guerras coloniais e dispendiosas ocupações militares. Em vez disso, seus produtos penetraram os mercados, incluindo aqueles dos poderes estabelecidos. A China protagonizou uma situação *sui generis* de transferência de tecnologia e conhecimento de *marketing* das multinacionais imperiais para, em seguida, dar meia volta e usar as competências adquiridas para elevar seu ciclo de produção, passando da montagem à fabricação, ao desenho e à inovação de produtos de alto valor.<sup>6</sup>

As potências emergentes aumentaram suas exportações, enquanto limitavam drasticamente a penetração de serviços financeiros, a nova força motriz dos estados consolidados. O resultado final foi a ascensão do déficit da balança comercial dos EUA não só com a China, mas com cerca de cem outros países ao redor do mundo. A proeminência da condução militar financeira por parte da elite imperial inibiu o desenvolvimento do mercado de alta tecnologia, capaz de penetrar no mercado das potências emergentes e reduzir o déficit comercial. Em vez disso, o setor industrial atrasado, subdesenvolvido e não competitivo, incapaz de fazer frente aos produtos chineses de baixo preço, uniu-se à bem remunerada elite sindical-burocrática para reclamar da concorrência desleal e da “desvalorizada moeda chinesa”. Agindo assim, ignoraram o fato de que o déficit americano foi produto de configurações econômicas internas, de graves desequilíbrios entre o setor financeiro e os setores produtivos. Um exército de redatores financeiros, economistas, analistas, especialistas e outros

peritos ideológicos ligados ao capital financeiro dominante proveram o brilho ideológico da campanha contra o crescente poder econômico imperial chinês.<sup>7</sup>

No passado, os poderes estabelecidos organizaram uma “divisão de trabalho”. Segundo o modelo colonial dependente, as colônias produziam matérias-primas e importavam bens manufaturados das metrópoles. Já no início do período pós-colonial, os países recém-independentes produziam mercadorias de trabalho intensivo em troca de bens tecnologicamente mais avançados dos estados estabelecidos. Conforme a “terceira fase” da divisão do trabalho – propagada pelos ideólogos do capital financeiro –, os estados estabelecidos exportariam serviços (financeiros, tecnológicos, de entretenimento etc.) para produção de bens de uso intensivo de mão de obra e mais avançados tecnologicamente. Os ideólogos da terceira fase da divisão do trabalho sustentaram que o ganho invisível resultante da repatriação do ganho do capital financeiro “equilibraria” as contas externas do déficit no comércio de mercadorias. O monopólio financeiro de *Wall Street* e da *City* em Londres garantiriam lucros para manter o excedente da balança de pagamentos. Essa suposição errônea foi baseada no modelo colonial anterior e no modelo pós-colonial, nos quais os países agrominerais e manufatureiros não controlavam seu próprio financiamento, seguro e transporte de *commodities* internacionais e domésticas. Hoje isso não ocorre. Incapaz de dominar os mercados financeiros de países mercantis como a China, o capital financeiro intensificou sua atividade especulativa interna e intrainperial. Isso levou a uma escalada da economia fictícia, ao seu inevitável colapso e à acumulação da dívida externa e déficits comerciais.

A China, em contraste, expande seu setor industrial equilibrando importação de *commodities* semiacabadas para montagem, tecnologia para definir sua própria produção e capital associado a fabricas majoritariamente nacionais com vendas de produtos finais para os Estados Unidos, a União Europeia e o resto do mundo. Por meio de bancos estatais o país controla o setor financeiro e, portanto, reduz o fluxo de “ganhos invisíveis” pago aos poderes estabelecidos.

Esses mantêm vastas, improdutivas e ineficientes despesas militares (com custos orçamentários excedentes de bilhões de dólares) e onerosas guerras coloniais sem “retorno imperial”.<sup>8</sup> Em contraste, a China gasta centenas de bilhões construindo sua economia doméstica como um faci-

litador para a conquista de mercados externos. As brutais guerras imperial-coloniais abocanharam milhões dos povos dominados, mas à custa da desacumulação de capital. Em contraste, a China explora duramente centenas de milhões de trabalhadores migrantes no processo de acumulação de capital para total reprodução nos mercados nacional e externo. Diferentemente do passado, é o poder estabelecido que recorre à agressão militar para manter os mercados, enquanto a potência emergente se expande no exterior via competitividade mercantil.

A “doença econômica” do poder estabelecido é causada por sua tendência a sobrecarregar o setor financeiro e mudar as políticas de promoção da indústria e do comércio para atividades especulativas e malignas que se autoalimentam e se autodestroem. Em contrapartida, a potência emergente redirecionou o capital bancário do financiamento da produção nacional para assegurar, no exterior, matérias-primas para sua indústria.

### 3 DIFERENÇAS ENTRE CENTROS IMPERIAIS E “DIÁSPORAS”

Existem importantes diferenças entre os países imperiais do passado e do presente e as várias diásporas para o exterior. Geralmente, no passado, os centros imperiais ditavam a política de seus dependentes externos, garantindo mercenários, recrutas e voluntários para suas guerras imperiais, bem como retornos rentáveis para seus investimentos e relações comerciais privilegiadas. Algumas colônias influenciaram a política imperial por meio de seus representantes nos parlamentos incluindo, até mesmo, situações de transferência de poder. Além disso, em alguns casos, os colonos repatriados receberam apoio político do centro imperial para assegurar compensações financeiras por suas propriedades desapropriadas. No entanto, em se tratando de moldar um pacto com as ex-colônias que preservasse seus interesses econômicos e políticos maiores, o centro imperial sempre sobrepujou a resistência dos colonos estrangeiros.<sup>9</sup>

Em contraste, resultado da penetração persistente das configurações de poder sionista na elaboração de suas estratégias políticas, o estado imperial estadunidense paga um tributo multibilionário e se submete às políticas de guerra ditadas pela sua aparente “dependência” de Israel. Trata-se de extraordinárias circunstâncias da “diáspora” de um estado estrangeiro (Israel), tendo como trunfo na definição de políticas para o Oriente



Médio os interesses econômicos estratégicos (indústria petroleira) do alto comando militar e das agências de inteligência do centro imperial.<sup>10</sup> Diferentemente de impérios anteriores, nos EUA, os meios de comunicação de massa, um grande número de centros acadêmicos, a maioria dos amplamente financiados *think tanks* - que despejam de forma abundante e mecânica milhares de programas, publicações e documentos políticos - refletem uma visão israelense-sionista do conflito no Oriente Médio, editam listas-negras de potenciais colaboradores do inimigo, excluem quaisquer dissidentes ou forçam-nos a uma retratação humilhante.

As novas potências, como a China imperial, não têm essa dependência “hegemônica”. Em contraste com o papel desleal da “diáspora” que serve de instrumento político-militar de Israel, a diáspora chinesa é aliada econômica do Estado. Os chineses no estrangeiro facilitam as oportunidades de mercado para grupos de empresas do país e se envolvem em empreendimentos conjuntos dentro e fora da China, mas não moldam a política externa do Estado em que residem. A diáspora chinesa não age como “quinta coluna” contra o interesse nacional, ao contrário dos sionistas estadunidenses cuja organização de massa centra todos seus esforços em um único objetivo: subordinar a política dos EUA para maximizar as políticas coloniais de Israel.

As diferenças nas relações entre os centros imperiais do passado e do presente e suas diásporas externas e internas têm enormes e multifacetadas consequências no competitivo contexto de poder global. Vamos enumerá-los “telegraficamente”.

Os poderes estabelecidos europeus, sacrificando demandas da diáspora colonial pela continuidade de formas racial-coloniais de imperialismo, favoráveis a uma transição negociada da independência, mantiveram e, em seguida, expandiram investimentos de longo prazo, largamente lucrativos, vínculos comerciais e financeiros e, em alguns casos, até bases militares. Os colonos foram sacrificados para promover um novo tipo de imperialismo.

A potência atual, a China, não está manietada por colonos no exterior com uma visão racista. Eles são livres para avançar seus interesses econômicos em qualquer lugar do mundo, particularmente em regiões, países e povos visados pela “quinta coluna”, a diáspora sionista, incorporada em seu rival, os EUA.<sup>11</sup>

A China tem mais de 24 bilhões de dólares em lucrativos investimentos no Irã, que é seu principal importador de petróleo, enquanto os EUA não possuem nada em investimentos e comércio nesse país. A China desbancou os Estados Unidos como o principal importador de petróleo da Arábia Saudita, bem como o maior parceiro comercial da Síria, do Sudão e de outros países muçulmanos, onde os sionistas promoveram sanções políticas para minimizar ou eliminar atividades econômicas estadunidenses.<sup>12</sup> Enquanto as políticas nacionais e de mercado da China têm sido uma força motora para melhorar a posição econômica global do país, os EUA, atrelados às necessidades de uma potência colonial tributária, são economicamente grandes perdedores. Igualmente significativo é notar que enquanto à diáspora chinesa tem firme interesse em expandir os laços econômicos do país, a diáspora de Israel é estritamente ligada à militarização da política estadunidense, engajada em guerras extraordinariamente caras e prolongadas, e hostil a quase todas as mais importantes populações islâmicas, com sua patente retórica islamofóbica e propaganda de ódio.

A inflexão para uma política externa militarizada totalmente “desequilibrada”, promovida em nome de Israel, desarticulou por completo a ligação entre a política militar estadunidense e seus interesses econômicos no exterior. Paradoxalmente, a “quinta coluna” israelense tem sido um fator importante para facilitar a China desbancar os EUA nos principais mercados mundiais. O que historicamente havia sido uma população “apátrida” (cidadãos de estados seculares não judeus), principalmente caracterizada por sua capacidade empreendedora, nos Estados Unidos atual foi redefinida por seus líderes tradicionais como maior defensora da doutrina de guerras ofensivas (“guerras preventivas”) ligadas a Israel, o país mais militarizado do mundo.<sup>13</sup> Como resultado de sua influência e da aliança com os extremistas de direita, Washington abandonou importantes oportunidades econômicas em favor de projeções do poderio militar.

#### 4 COMO OS IMPÉRIOS REAGIRAM AO DECLÍNIO: PASSADO E PRESENTE

Como os Estados Unidos hoje, os impérios em declínio no passado adotaram várias estratégias para minimizar suas perdas, algumas mais bem

sucedidas do que outras. Em geral, a política menos exitosa e mais cara foi a tentativa de reverter os movimentos de massa anti-imperialistas para restaurar a dominação colonial. Em período de declínio do poder econômico global, as políticas coloniais de restauração sempre falharam. A estratégia não militar foi menos onerosa e mais bem sucedida, garantindo, pelo menos, certa aparência de presença imperial. O sucesso baseou-se em transições negociadas para a independência, nas quais a supremacia do mercado assegurou a continuação da hegemonia imperial em parceria com uma burguesia colonial emergente.

Historicamente, as potências imperiais decadentes recorreram a quatro estratégias ou uma combinação destas:

1. *Tentativa de recuperar as colônias ou neocolônias mediante renovadas ofensivas militares.* Após a Segunda Guerra Mundial, a França na Indochina e na Argélia e a Inglaterra no Quênia, pagaram alto preço econômico e político na tentativa de restabelecer o regime colonial e, finalmente, falharam.

2. *Negociação de uma solução neocolonial.* A Inglaterra severamente enfraquecida por suas perdas durante a Segunda Guerra Mundial, e enfrentando um movimento de libertação de milhares de pessoas, percebeu que seria mais inteligente negociar e conceder independência à Índia, a fim de manter as aparências de comércio imperial e laços de investimento, bem como sua influência política indireta via funcionários militares e civis treinados pela Inglaterra (anglicana).

3. *Ceder a posição de líder para uma potência imperial superior em ascensão.* Tornar-se um sócio minoritário é uma abordagem que visa garantir, pelo menos, uma reduzida parcela de benefícios econômicos e influência política. Na Grécia, a Inglaterra se deparou com um massivo movimento comunista de resistência antifascista; recuou e tocou o segundo violino, enquanto os EUA assumiram o papel de *gendarme* político e o controle do estado cliente emergente. Os britânicos mantiveram uma esfera reduzida de influência nos Bálcãs e no Mediterrâneo. Da mesma forma, a Bélgica tentou subverter o novo governo nacionalista do Congo liderado pelo Presidente Patrice Lumumba, apenas para dar um lugar de honra para o regime fantoche estadunidense de Mobutu.

4. *Cedendo poder político para governantes autóctones favoráveis à proteção da era colonial nos níveis econômico e financeiro.* A retirada do regime colonial britânico no Caribe diminuiu, efetivamente, os custos administra-

tivos e policiais ao proteger e promover a libra esterlina a uma posição privilegiada nos negócios e investimentos no início do período pós-colonial. A “preferência” imperial foi promovida por meio das redes anglicanizadas “old boy” – funcionários educados e doutrinados pelos britânicos, que foram devidamente impressionados com a pompa e circunstância da elite social dominante. Contudo, ao longo do tempo, a dominação do mercado via “doutrina do livre comércio” substituiu as redes do passado pós-colonial e abriu a porta para a hegemonia estadunidense.

O rápido colapso de um império concorrente pode dar vida nova a um império que experimenta um declínio lento e prolongado. Esse repentino e total colapso do sistema comunista de satélites e o desmembramento da URSS proporcionaram uma oportunidade excepcional para os EUA alargarem seu império de bases militares e recrutar mercenários para lutar suas guerras imperiais. As principais potências europeias experimentaram um renascimento de fortunas imperiais se apossando da indústria estratégica, dos serviços, dos meios de transportes, dos setores imobiliário e financeiro na Europa Oriental, nos estados bálticos e nos Balcãs, substituindo o papel “direto” da Rússia pelo mercado e pela dominação ideológica.

Experiências recentes acerca da maneira como as classes imperiais dominantes trataram seu declínio tem relevância direta para as respostas dos governantes imperiais estadunidenses.

## 5 RESPOSTAS DOS EUA AO DECLÍNIO IMPERIAL: SALVAR O IMPÉRIO SACRIFICANDO A NAÇÃO

Washington tem dado pelo menos seis respostas para seu declínio.

A resposta de longo prazo e larga escala de Washington para sua posição declinante na economia mundial e a perda de influência política em inúmeras regiões é estender e reforçar suas redes globais de bases militares (JOHNSON, 2005). A partir da década de 1990, converteu os países do antigo Pacto de Varsóvia – Polônia, Hungria, República Checa, etc. – em membros da OTAN sob liderança militar estadunidense. Em seguida, os Estados Unidos estenderam seu alcance militar integrando a Ucrânia e a Geórgia como membros “associados” da OTAN. Isso foi seguido pelo estabelecimento de bases no Quirguistão, Kosovo e outros pequenos Estados da ex-república iugoslava.

O novo milênio assistiu a uma série de prolongadas guerras e invasões militares no Iraque e no Afeganistão, culminando na construção massiva de bases e no recrutamento de exércitos mercenários locais e da polícia. Além disso, a Casa Branca garantiu sete bases militares na Colômbia, expandiu sua presença militar no Paraguai, Honduras e assinou tratados militares bilaterais com Peru, Chile e Brasil, mas os Estados Unidos foram expulsos de sua base militar em Manta, no Equador.<sup>14</sup> Enquanto os EUA expandiam sua presença militar global na Ásia e na América Latina, a China tomava seu lugar como maior parceiro comercial do Brasil, da Argentina, do Peru e do Chile.<sup>15</sup> Enquanto os EUA financiavam um vasto exército de mercenários no Iraque, a China tornava-se o principal mercado exportador de petróleo saudita. A expansão militar global estadunidense não propiciou aumento ou recuperação paralelos ou proporcionais ao seu poderio econômico global. Pelo contrário, com a expansão militar seu alcance econômico diminuiu.

A segunda resposta da Casa Branca para seu declínio econômico global tem sido uma campanha muito ativa e bem financiada para criar regimes clientes. A maior parte desse esforço envolve o financiamento de elites locais, ONGs, políticos maleáveis da oposição e ex-patriotas residentes nos Estados Unidos que mantêm laços com Washington e suas agências de inteligência. As chamadas “revoluções coloridas” na Ucrânia e Geórgia, a rebelião da tulipa no Quirguistão, a fragmentação étnica da Iugoslávia, a divisão do Iraque e o estabelecimento de uma “república” curda, a promoção de separatistas do Tibete e do Uigher na China, e de oligarcas no leste boliviano e o fortalecimento militar de Taiwan podem ser vistas como parte desse esforço de estender a dominação política face ao declínio econômico global.

No entanto, a construção da clientela global tem sido um fracasso por dois motivos. Os clientes têm saqueado a economia em uma corrida aos cofres públicos e arruinado a população, sendo, em alguns casos, derrotados pela força ou pelo voto.<sup>16</sup> Por outro lado, em vez de contribuir para as aspirações econômicas globais americanas, os estados clientes representam um maior custo em termos de empréstimos e doações do Tesouro americano. A manutenção da cara clientela, apoiando os sátrapas locais, compromete a construção do império econômico. Enquanto isso, os investimentos chineses em manufaturas e sua concomitante demanda por

novos materiais e alimentos tornaram sua presença maior e mais rentável, mesmo nos estados clientes dos EUA. Ao tempo em que os estados clientes apoiados pelos Estados Unidos têm uma rápida ascensão e queda, a presença comercial da China experimenta firme crescimento.

Sob a direção de uma elite altamente militarizada que inclui influentes políticos sionistas, Washington passou indissociavelmente por guerras de ocupação colonial de trilhões de dólares no Oriente Médio e no Sul da Ásia, sob a equivocada suposição que “demonstrações de força” intimidariam Estados nacionalistas e independentes que apoiariam a presença econômica dos EUA. As guerras, pelo contrário, diminuíram a influência estadunidense e aumentaram a rejeição local nacionalista e pan-islâmica, especialmente à luz do apoio incondicional da sionista Washington ao colonialismo israelense. Mais do que qualquer outro movimento para fortalecer o império, as guerras coloniais prolongadas têm dirigido maciçamente os recursos econômicos – que teoricamente poderiam ter revitalizado a presença econômica mundial dos EUA e aumentado sua competitividade frente à China – para gastos militares improdutivos.

Observamos que logo após a Segunda Guerra Mundial, as potências europeias tentaram – e falharam – restaurar o poder imperial por meio de guerras coloniais. Os Estados Unidos, igualmente enfraquecidos internamente pela pilhagem de Wall Street da economia produtiva, pela ampla transferência de capital para o exterior por suas corporações multinacionais e pela terceirização do trabalho – principalmente para a China e a Índia –, são menos capazes de restaurar e lucrar na construção do império colonial. A ironia é que, meio século antes, os EUA optaram pela dominação mercantil contra o modelo colonial europeu de construção imperial. Agora ocorre o contrário. A Europa e a China buscam a hegemonia por meio do mercado enquanto os Estados Unidos adotam o modelo militarista fracassado de construção do império colonial.

Operações clandestinas, nomeadamente “golpismo”, tornaram-se o método escolhido para reverter regimes nacionalistas populistas na América Latina, Irã, Líbano e outros lugares. Em cada caso, Washington falhou no retorno de um regime de clientela, causando um efeito bumerangue: os governos visados radicalizaram sua política, ganharam apoio e tornaram-se mais firmes. Por exemplo, o golpe na Venezuela, apoiado pelos Estados Unidos, foi revertido, o presidente Chávez reassumiu e passou a

nacionalizar grandes multinacionais e estimular a oposição latino-americana aos acordos de livre comércio e bases militares. Da mesma forma, o apoio americano à invasão israelense do Líbano e o subsequente êxito da defesa pelo Hezbollah reforçaram a presença dessa organização no regime Hariri pró-EUA.

A adoção incondicional pelos EUA do estado militar colonial racista de Israel como seu principal aliado nas escorregadias guerras coloniais no Oriente Médio teve, de fato, o efeito oposto: o afastamento de 1,5 bilhões de islâmicos, a erosão do apoio de ex-aliados (Turquia e Líbano), e o reforço de influentes políticos sionistas, promovendo uma “terceira frente militar” – uma guerra contra o Irã e suas forças armadas de dois milhões de pessoas.

## 6 ESTRATÉGIAS DOS EUA PARA MINAR, ENFRAQUECER E SUPERAR A CHINA COMO POTÊNCIA IMPERIAL EMERGENTE

Aos primeiros sinais do potencial chinês como um competidor global, Washington promoveu uma estratégia econômica liberal na esperança de criar uma relação de “dependência”. Posteriormente, quando a liberalização falhou na indução à dependência, mas acelerou as taxas de crescimento chinês, Washington recorreu a várias políticas punitivas.

Durante os anos 1980 e 1990, Washington incentivou a China a prosseguir uma política de abertura diante das corporações multinacionais estadunidenses e concedeu incentivos fiscais para encorajá-las a “colonizar” setores estratégicos para o crescimento da China. Washington promoveu com êxito a entrada da China na Organização Mundial do Comércio, com a ideia de que o “livre comércio” favoreceria as corporações multinacionais na captura de mercados chineses. A estratégia falhou: a China aproveitou as corporações multinacionais para sua própria estratégia de exportação, capturando mercados estadunidenses; forçou estas corporações em empreendimentos conjuntos, que aceleraram o processo de transferência de tecnologia; e avançaram o aprendizado industrial chinês incrementando sua própria capacidade produtiva. O acordo da OMC prejudicou as barreiras comerciais dos Estados Unidos e facilitou o fluxo de capital desse país para os setores produtivos chineses, enquanto erodia a base produtiva estadunidense e minava sua competitividade. Com o tempo, as empresas

chinesas, tanto estatais como privadas, cresceram e superaram, em parte, a sua “dependência”, assumindo maior controle sobre os empreendimentos conjuntos e desenvolvendo seus próprios centros de inovação, *marketing* e finanças.<sup>17</sup>

A estratégia liberal de criar dependência falhou. A China acumulou superávits comerciais e, posteriormente, assumiu o papel de credor, enquanto os EUA se tornavam um Estado “devedor”. A liberalização pode ter funcionado para os Estados Unidos na América Latina e na África, onde estados fracos dirigidos por governantes corruptos supervisionaram a pilhagem das matérias-primas de seus países, a desastrosa privatização e desnacionalização de empresas estratégicas e a fuga maciça de rendimentos. Porém, na China, os governantes aproveitaram as corporações multinacionais para seus próprios projetos nacionais, garantindo controle sobre o processo dinâmico de acumulação de capital. No curto prazo, sacrificaram os lucros excessivos das multinacionais com o objetivo de, no longo prazo, conquistar mercados, *know-how* e a difusão e expansão de novas linhas produtivas via “regras de conteúdo” e transferências de tecnologia. A liberalização favoreceu o *boom* das exportações de mercadorias chinesas, enquanto a economia ganhava autonomia, melhorando o ciclo de produção.

A China manteve as rédeas do setor financeiro, bloqueando a aquisição pelos Estados Unidos de “setores de ponta” nas finanças, na mídia, no mercado imobiliário e de seguros.<sup>18</sup> Ao limitar essa penetração, especulação e volatilidade, a China evitou as crises periódicas que afetaram os EUA em 1990-01, 2000-02, 2008-10. A versão chinesa da “abertura” não repetiu a versão anterior que levou à dominação estrangeira de enclaves costeiros. Ao contrário, as próprias multinacionais estrangeiras tornaram-se “ilhas de crescimento” conectadas a promoção da expansão ultramarina controlada e dirigida pelo Estado chinês.

Nos primeiros anos do novo milênio, Washington percebeu que a estratégia liberal não conseguiu bloquear a ascensão chinesa como potência mundial e voltou-se cada vez mais para uma estratégia punitiva.



## 7 ESTRATÉGIAS PARA MINAR E ENFRAQUECER A CHINA COMO POTÊNCIA GLOBAL EMERGENTE

Os Estados Unidos desenvolveram uma detalhada, complexa e multifacetada estratégia para minar a ascensão chinesa à preeminência global. A estratégia envolve movimentos econômicos, políticos e militares destinados a enfraquecer a dinâmica de crescimento da China e conter sua expansão para o exterior.

### 7.1 Estratégias Econômicas

Washington, apoiado pela grande imprensa financeira, bem como pela maioria dos economistas e “especialistas”, defende a intervenção na política econômica interna da China em busca de medidas destinadas a desarticular seu modelo de crescimento dinâmico. A reclamação mais difundida é que a China supervaloriza sua moeda para corroer a vantagem competitiva dos EUA e enfraquecer suas indústrias dinâmicas de exportação.<sup>19</sup>

No período entre 2000 e 2008, a China reavaliou sua taxa de câmbio em 20% e ainda dobrou o seu excedente de exportação com os Estados Unidos.<sup>20</sup> Essas medidas visaram a aumentar a produtividade, reduzir as taxas de lucro e melhorar o controle de qualidade. Além disso, o problema da balança comercial negativa dos EUA é crônico e global, tendo saldo negativo com mais de 90 países, incluindo o Japão e a União Européia.<sup>21</sup>

A coalizão anti-China, liderada pelo complexo *Wall Street-Washington*, tem pressionado duramente Pequim para desregulamentar seu setor financeiro, de modo a facilitar a aquisição de mercados financeiros chineses, alegando violações “comerciais e de investimento”. A Casa Branca vê o poderoso setor financeiro como a única arma real para capturar os altos comandos da economia da China, por meio de fusões e aquisições. Essa campanha perdeu força em face da crise financeira de 2008-10, induzida pela atividade especulativa de Wall Street. O sistema financeiro chinês foi pouco afetado graças a sua estrutura pública de regulação e às restrições à entrada de bancos estadunidenses.

Washington impôs medidas protecionistas contrárias às regras da OMC na forma de tarifas as exportações chinesas de aço e pneus e o Congresso ameaçou uma tarifa geral de 40% sobre todas as exportações chinesas para os EUA – um convite à “guerra comercial”.

Os Estados Unidos bloquearam vários investimentos chineses de grande porte, aquisições de empresas petrolíferas, empresas de tecnologia e outros empreendimentos. Em contraste, a China permitiu às corporações estadunidenses investirem dezenas de bilhões e subcontratarem nos mais diversos setores da economia. A China, como potência mundial em ascensão, está confiante de que sua economia dinâmica pode atrelar as corporações estadunidenses ao seu crescimento contínuo, enquanto os Estados Unidos, em face da sua posição desgastada, teme qualquer aceleração das “conquistas chinesas”, um medo nascido da fraqueza econômica, contida e dissimulada sob a retórica de uma “ameaça à segurança”.

Washington encorajou o fundo de investimento soberano chinês e os investidores estrangeiros a estabelecer laços com as financeiras estadunidenses envolvidas em atividades especulativas, pretendendo fortalecer a fuga de capitais para os Estados Unidos e criar uma “cultura especulativa” na China para enfraquecer o poder do capital produtivo no planejamento estatal.

Washington tem aumentado suas ameaças de represália econômica de modo a deteriorar e excluir o dinâmico setor exportador chinês e garantir concessões que irão comprometer o *status* político interno de seus governantes se, e quando, aprovarem os ditames de Washington. Os líderes políticos chineses que permitirem Washington determinar sua política econômica doméstica provocarão a oposição de empresas e trabalhadores prejudicados. Uma vez comprometidos, fragilizados e sujeitos à opinião nacional inflamada, os líderes chineses enfrentarão pressão interna e externa que ameaçarão a estabilidade da China.

Washington montou uma intensiva campanha internacional de mídia, mobilizando o FMI e a União Europeia para enfraquecer o modelo industrial chinês, responsabilizando essa potência emergente pelo declínio dos EUA. Dos principais colunistas de jornais financeiros “sérios” à sensacionalista “imprensa marrom” de circulação massiva, dos líderes políticos no Congresso aos altos executivos, dos líderes de fabricantes competitivos aos burocratas sindicais do moribundo movimento operário, uma campanha é orquestrada para “confrontar” a China quanto a uma série de crimes e pecados que vão desde a concorrência desleal, baixos salários, subsídios estatais até a qualidade inferior e insegurança dos produtos.

Acadêmicos, economistas, especialistas em consultoria de investimentos e analistas estadunidenses e ingleses, enraizados no império, têm incentivado seus homólogos chineses, bem como investidores estrangeiros e políticos, a propagarem as políticas em consonância com as demandas de mudanças requeridas por Washington. O objetivo é facilitar uma maior penetração dos EUA e limitar a expansão dinâmica da China no exterior.

A cada dia, “especialistas” e economistas estadunidenses descobrem razões para pregar uma “crise iminente” na China: a economia desacelera ou cresce muito rápido; uma “bolha” no setor imobiliário está prestes a estourar;<sup>22</sup> os bancos estão sobrecarregados com terríveis dívidas, colocando o sistema financeiro em risco de colapso; a inflação cresce sem controle; os investimentos no exterior seguem padrões coloniais; a economia está desequilibrada – mais dependente das exportações do que do consumo interno; a competitividade de suas exportações é o fator primordial do desequilíbrio no comércio mundial; seus crescentes laços econômicos na Ásia ameaçam a “segurança nacional” dos EUA; etc. Essas e inúmeras outras peças de propaganda, embaladas como análise econômica séria no *Financial Times*, *Wall Street Journal* e *The New York Times*, são projetadas para culpar a China pelas fraquezas e pelo declínio da competitividade econômica estadunidense no mundo. O objetivo é influenciar e pressionar funcionários neoliberais chineses “maleáveis” ou “acomodados” a mudar suas políticas. Essas “críticas” são igualmente importantes na perspectiva de unir a elite empresarial, financeira, política e militar, bem como justificar ações agressivas contra a China. O problema básico com estes hábeis diagnósticos é que eles têm sido repetidamente refutados pela realidade de contínuo crescimento dinâmico da China; por sua capacidade de gerir e regulamentar os empréstimos financeiros para evitar que a bolha estoure e pela recepção crescentemente positiva, por parte de anfitriões africanos, de novas ofertas de investimentos, devido aos empréstimos relativamente generosos e aos projetos de infraestrutura que acompanham investimentos nos setores extrativos.<sup>23</sup> Mais recentemente, Washington tem influenciado a Índia e o Brasil, uma perigosa aliança em construção, a se juntar ao coro culpando a China por desequilíbrios comerciais.

## 7.2 Ofensiva Política

Impérios firmados em declínio, como os EUA hoje, possuem um estoque de instrumentos destinados a desacreditar, seduzir, isolar e conter potências mundiais emergentes, como a China, colocando-as na defensiva.

Uma das manobras políticas mais duradouras é a campanha de Washington que destaca as violações dos direitos humanos na China enquanto ignora seus próprios crimes em massa e minimiza os de seus aliados, como o Estado judeu de Israel. Ao desacreditar a política interna chinesa, o Departamento de Estado espera aumentar a autoridade moral estadunidense e desviar a atenção da violação dos direitos humanos que, de longa data, e em grande escala, acompanha, em todo o mundo, a construção de seu império global e de uma coalizão “anti-China”.

Enquanto a propaganda dos direitos humanos serve de ponta de lança para golpear o progresso econômico chinês, Washington também tenta induzir a cooperação da China para retardar seu declínio. Diplomatas estadunidenses usam dessa abordagem enfatizando “tratar a China como igual”, reconhecendo-a como “potência mundial” que deve “compartilhar responsabilidades”. Por trás dessa retórica diplomática está o esforço para atrelar a China, como parceira menor, a uma política de colaboração, seguidora das estratégias de construção do império estadunidense em detrimento de seus próprios interesses econômicos. Por exemplo, enquanto a China investiu bilhões de dólares em empreendimentos conjuntos com o Irã e desenvolveu com esse país uma relação comercial lucrativa crescente, Washington exige da China apoio a sanções para debilitar e degradar o Irã de modo a melhorar o poder estadunidense no Golfo.<sup>24</sup> Em outras palavras, a China deveria desistir da sua expansão econômica para dividir a “responsabilidade” no policiamento do mundo no qual o EUA é supremo. Da mesma forma, traduzindo, o significado da demanda da Casa Branca à China “assumir responsabilidades” no “reequilíbrio da economia mundial” se resume a pedir que Pequim diminua seu crescimento dinâmico para permitir que os EUA obtenham vantagens comerciais e reduzam (“reequilibrem”) seu déficit comercial.

Alternando gestos simbólicos positivos, tal como a referência aos EUA e à China como o G-2, as duas potências mundiais mais influentes, a Casa Branca tem promovido uma “frente unida” com a União Europeia contra

o suposto “protecionismo”, a “manipulação cambial” e outras “injustas” práticas econômicas chinesas.<sup>25</sup>

Em reuniões internacionais, como a recente Conferência de Copenhagen sobre aquecimento global, a reunião do GATT sobre liberalização comercial e a reunião da ONU sobre o Irã, Washington tenta satanizar a China, considerando-a como o principal obstáculo para alcançar acordos globais. Assim, desvia a atenção de fatos como, por exemplo, a aquiescência dos chineses em estabelecer metas climáticas superiores aos Estados Unidos,<sup>26</sup> na oposição ao protecionismo e na busca de uma solução negociada com o Irã.

Como a China ganha confiança em sua capacidade de projetar poder, com o tempo, essa ofensiva americana tem provocado uma resposta cada vez mais agressiva.

## 8 ESTRATÉGIAS PARA COMBATER PODERES IMPERIAIS ESTABELECIDOS

A resposta mais formidável e eficaz das potências econômicas em ascensão aos esforços dos poderes imperiais estabelecidos para bloquear seu avanço é seguir crescendo o dobro ou o triplo da taxa de crescimento de seus adversários em declínio. Nada contesta tanto a propaganda da “crise” emitida por especialistas atrelados aos Estados Unidos quanto os relatórios de que, por exemplo, no primeiro trimestre de 2010, a China cresceu 12%, ou seja, seis vezes mais do que o crescimento projetado pelos EUA.<sup>27</sup> A política chinesa para os ataques e as ameaças estadunidenses foi reativa e defensiva, em vez de pró-ativa e ofensiva, especialmente durante a primeira década de seu avanço para o *status* de potência mundial.

A China afirmou que a taxa cambial era “assunto interno”, até mesmo quando aderiu às demandas americanas e reavaliou sua moeda (2006-8) em 20%. Mais tarde, respondeu que a relação de sua moeda tinha pouco a ver com o déficit da balança comercial dos EUA, assinalando as fragilidades estruturais da economia desse país, ou seja, baixo nível das poupanças, formação de capital e perda de competitividade.

Inicialmente, a China apenas protestou contra os ataques estadunidenses à questão dos direitos humanos, negando as acusações ou afirmando ser assunto interno. Em 2010, porém, a China passou à ofensiva, publican-

do seu próprio inventário documentado das violações internas aos direitos humanos nos EUA.<sup>28</sup> Quando Washington protestou contra a violação dos direitos humanos dos separatistas tibetanos e Uigher, a China criticou a interferência de Washington nos assuntos domésticos chineses e ameaçou represálias que levaram Washington a desistir de sua cruzada.

Pequim tem encorajado as corporações estadunidenses a investir na China e exportar para os EUA. Dado o crescimento global chinês, a penetração destas empresas não fortalece a potência estadunidense; ao contrário, garante à China um lobby em Washington para se opor a medidas protecionistas.

A China pouco faz para restringir diretamente a expansão ultramarina dos EUA (uma vez que Washington faz um bom trabalho de autodestruição) e centra-se no reforço da sua própria estratégia econômica baseada no aumento de seus investimentos externos, no uso de tecnologia e na atualização de suas indústrias de alta tecnologia. Apesar da pressão de Washington, a China se recusa a aderir a sua campanha de sanções contra o Irã e desenvolve investimentos no Afeganistão, enquanto a ocupação militar estadunidense custa bilhões e afasta a maioria dos afegãos, inclusive o regime cliente.<sup>29</sup> A China se recusa a apoiar a estratégia militar de Obama centrada em apoiar o império. Enquanto frequenta reuniões de “cúpula” e conferências bilaterais, recusa-se a fazer concessões que prejudiquem seus mercados no exterior, sem entrar em confronto direto com a missão militar promovida por Obama.

Impressiona o fato de os países mais dinâmicos na Ásia terem ignorado as advertências de Washington de que a China é uma “ameaça à segurança” e expandido seus laços comerciais e econômicos com o vizinho. Com o tempo, a Ásia vem substituindo os Estados Unidos como maior parceiro comercial de Pequim. Mais recentemente, em abril de 2010, a Índia manifestou preocupação com os desequilíbrios de seu comércio com a China e entrou em negociações para aumentar suas exportações.

Em geral, falharam as estratégias imperiais dos EUA para deter seu declínio e bloquear o crescimento da China como potência mundial. Os políticos da Casa Branca e detratores financeiros de Pequim têm ignorado os formidáveis fundamentos da construção do império chinês e sua capacidade de corrigir os desequilíbrios internos para sustentar sua expansão dinâmica.

## 9 PILARES DO PODER GLOBAL

Como a maioria das potências globais emergentes anteriores, a China buscou – nesse caso com sucesso e sem recorrer à força e à conquista – lançar as bases de um império econômico sustentável. A estratégia incluiu uma mistura complexa de medidas nacionais e internacionais:

1. Investimentos no exterior para garantir recursos estratégicos, especialmente energia, metais e alimentos.<sup>30</sup>

2. Altos níveis de investimentos nacionais para construir a capacidade de produção, introduzindo tecnologia avançada para aumentar o valor agregado e diminuir sua dependência das importações de peças manufaturadas. Elevadas taxas de investimentos são tidas como necessárias para sustentar a competitividade das exportações.

3. Grande impulso para melhorar a educação da força de trabalho, visando alcançar a supremacia industrial – com ênfase em engenheiros, cientistas e gestores industriais acima de e contra especuladores, banqueiros e advogados. No entanto, os esforços chineses para melhorar sua força de trabalho não terão êxito a menos que reconheça e integre seus 200-300 milhões de trabalhadores migrantes, cujos filhos são atualmente excluídos da educação pública avançada, nas maiores metrópoles.<sup>31</sup>

4. Investimentos multibilionários em infraestrutura, incluindo dezenas de novos aeroportos, ferrovias de alta velocidade e melhoria das vias fluviais que ligam as regiões costeiras ao interior, reforçando a dinâmica de crescimento industrial. Como resultado, há menos migração para os centros costeiros de produção resultando, em alguns casos, na escassez de trabalho. Escassez que, por seu turno, tem levado a um aumento significativo nos níveis salariais e à diminuição dos desequilíbrios geográficos entre antigos e novos polos de desenvolvimento.

5. Como a mão de obra qualificada começa a substituir o trabalho desqualificado e como a dinâmica do crescimento continua elevada para a produção de maior valor agregado, os níveis de salários e a consciência social pressionam para diminuir a enorme desigualdade de classe.

6. Fruto das pressões populares, evidenciadas em mais de 100 mil protestos locais anuais, greves e manifestações, o governo agiu lentamente no sentido de diminuir as tensões de classe, em parte com investimentos em bem-estar social e maiores gastos sociais. A China está deixando de

comprar papéis do Tesouro estadunidense e subsidiando a saúde pública e a educação nas áreas rurais. Ao reorientar o Estado para o desenvolvimento social, em vez de confiar no mercado que provou ser altamente ineficaz, a China qualifica o trabalho rural em favor de modernos processos de produção.

Em resumo, os pilares do salto dinâmico chinês em direção ao poder global repousam no reequilíbrio da economia, melhorando sua base produtiva, ampliando seu mercado interno, buscando crescimento e estabilidade social, enquanto maximiza o acesso a materiais estratégicos essenciais para a produção.

## 10 A VERSÃO CHINESA DO “REEQUILÍBRIO” DA SUA ECONOMIA: NOVAS CONTRADIÇÕES

O reequilíbrio da economia interna chinesa é acompanhado por uma relativa mudança nas relações econômicas com os Estados Unidos. Dada a postura abertamente hostil adotada pelos líderes do Congresso e a estagnação do mercado nos EUA, a China tem aumentado significativamente seu comércio e seus investimentos na Ásia para diminuir sua dependência do mercado estadunidense e o risco de enfrentar uma pressão protecionista.<sup>32</sup> Embora ainda seja “credora” dos Estados Unidos, a China está deslocando a utilização de seus excedentes comerciais para investimentos mais produtivos (e lucrativos). Nem todos os novos empreendimentos da China no exterior têm sido bem sucedidos, pois alguns dos seus gerentes “educados no ocidente” perderam bilhões de dólares investindo em *Blackstone* e outras agências financeiras.

O dinâmico “reequilíbrio do crescimento” da China, ao reforçar as bases para ampliar a expansão externa, enfrenta maiores perigos internos do que externos. Diversas mudanças na estrutura de classes podem pôr em perigo a estabilidade do sistema, como tem sido o caso de outros impérios estabelecidos. O grande impulso para a expansão no exterior criou um novo e poderoso segmento de classe público-privada, que ignora a necessidade de desenvolver o mercado interno, especialmente os investimentos em desenvolvimento social. Em segundo lugar, as classes dominantes e toda a elite governante se recusam a aumentar seus impostos para pagar os serviços necessários à modernização do trabalho, à construção de uma



rede de segurança social nas zonas rurais e à extensão dos direitos de saúde e educação aos trabalhadores migrantes; resistem a quaisquer políticas redistributivas e defendem os privilégios da suas famílias, criando condições para o crescimento de tensões e conflitos de classe.

Igualmente prejudicial à futura expansão externa da China é o surgimento de uma classe especuladora poderosa, especialmente nos setores imobiliário, bancário e na elite política regional, que tendem a formar bolhas econômicas, ameaçando o sistema financeiro.<sup>33</sup> Se, por um lado, o regime tem o controle final sobre a política monetária e o sistema financeiro adota políticas para “esvaziar” a bolha, por outro, não faz nada que possa prejudicar estruturalmente esse setor da classe dominante. Além disso, a especulação imobiliária aumenta o custo da habitação acima do alcance da maioria dos trabalhadores, enquanto os preços inflacionados da terra levam à expropriação arbitrária dos proprietários por autoridades locais e regionais ligadas aos especuladores.

O crescimento do poderio de importadores, especuladores financeiros e proprietários bilionários poderia proporcionar uma abertura para o setor líder do Império estadunidense – a classe dominante financeira, imobiliária e de seguros. Até agora, a repetitiva instabilidade e as crises induzidas por esses setores em 1990-1, 2000-2, 2007-10 têm prejudicado sua capacidade de penetrar na economia chinesa.

Dado o contínuo crescimento da China, especialmente evidente no presente – cresceu 9% em 2009 e 12% em 2010, enquanto o crescimento dos EUA girou em torno de 0% –, quem tem mais a perder, se/quando Washington decidir intensificar uma guerra comercial?

## 11 CONFRONTO EXTERNO OU REESTRUTURAÇÃO DOMÉSTICA: DENTRO DOS EUA?

Os EUA possuem um déficit comercial com pelo menos 91 outros países além da China, demonstrando que o problema está incorporado na estrutura da economia estadunidense. Qualquer medida punitiva para restringir as exportações chinesas para os Estados Unidos só aumentará o déficit de Washington com outros exportadores competitivos. A queda das importações americanas provenientes da China não resultará em incremento para as indústrias dos EUA, devido à natureza subcapitalizada

destas últimas, situação diretamente relacionada à posição proeminente do capital financeiro na captação e alocação de poupanças. Além disso, “países terceiros” podem reexportar produtos chineses, colocando os EUA na posição nada invejável de iniciar amplas guerras comerciais ou aceitar o fato de que uma economia financeira-comercial não é competitiva na economia mundial de hoje.

A decisão chinesa de desviar o incremento de seu superávit comercial da aquisição de papéis do Tesouro estadunidense para investimentos mais produtivos no desenvolvimento “interiorano” e empreendimentos externos estratégicos em matérias-primas e setores energéticos poderá, eventualmente, forçar o Tesouro estadunidense a aumentar as taxas de juros, de modo a evitar a fuga de dólares em grande escala. O aumento das taxas de juros pode beneficiar as casas de câmbio, mas pode enfraquecer qualquer recuperação dos EUA ou mergulhar o país em uma depressão. Nada enfraquece mais um império global do que ter de repatriar investimentos externos e restringir os empréstimos estrangeiros para apoiar uma economia nacional decadente.

O prosseguimento de políticas protecionistas terá impacto negativo sobre as corporações estadunidenses na China, uma vez que o grosso de seus produtos é exportado para o mercado dos Estados Unidos: Washington vai cortar na sua própria carne! . Além disso, uma guerra comercial poderia afetar adversamente o comércio e prejudicar empresas automobilísticas estadunidenses que produzem para o mercado chinês. A GM e a Ford são de longe mais lucrativas na China do que nos EUA, onde operam no vermelho.<sup>34</sup> Uma guerra comercial estadunidense terá impacto inicial negativo sobre a China até que ela se ajuste e tire proveito do potencial de 400 milhões de consumidores no vasto interior do país. Além disso, a orientação da política econômica chinesa vem sendo no sentido de rapidamente diversificar seu comércio para a Ásia, América Latina, África, Oriente Médio, Rússia e mesmo a União Europeia. O protecionismo comercial pode criar alguns empregos em certos setores industriais pouco competitivos nos Estados Unidos, mas pode custar mais empregos no setor comercial (*Wal-Mart*), que depende de itens com preços baixos para consumidores de baixa renda.

A retórica belicosa do comércio em Capitol Hill e as políticas de confronto adotadas pela Casa Branca constituem uma postura perigosa, con-

cebida para desviar a atenção das profundas deficiências estruturais das fundações nacionais do império. O setor financeiro profundamente enraizado e a igualmente dominante metafísica militar que dirige as políticas externas levaram os EUA a uma queda vertiginosa, crônicas crises econômicas, guerras caras e intermináveis, aprofundamento das desigualdades de classe e étnico-racial, bem como decadência do nível de vida.

Na nova ordem mundial competitiva multipolar, os Estados Unidos não conseguem seguir com sucesso o caminho anterior de bloquear o acesso de um poder imperial ascendente a recursos estratégicos por meio de boicotes coloniais. Nem mesmo em países sob ocupação, como o Iraque e o Afeganistão, a Casa Branca pode impedir a China de assinar acordos comerciais e investimentos lucrativos. Em países sob a esfera de influência estadunidense, como Taiwan, Coreia do Sul e Japão, as taxas de crescimento do comércio e dos investimentos com a China superam de longe as taxas dos EUA. Impossibilitado de ampliar o bloqueio militar unilateral, os Estados Unidos não podem conter a ascensão chinesa como um ator econômico mundial, uma potência emergente imperial.

A maior fraqueza da China é interna, enraizada nas divisões e exploração de classes que a bem firmada elite política atual, profundamente ligada por laços familiares e econômicos, pode melhorar, mas não eliminar.<sup>35</sup> Até agora, a China tem sido capaz de se expandir globalmente por meio de uma forma de “imperialismo social”, distribuindo uma parcela da riqueza gerada no exterior a uma crescente classe média urbana e a administradores, profissionais, especuladores imobiliários e quadros regionais do partido em ascensão.

Em contraste, as conquistas militares dos Estados Unidos no exterior têm sido onerosas, sem retorno econômico e, no longo prazo, com danos para a economia civil, tanto em suas manifestações internas como externas. O Iraque e o Afeganistão não recompensaram o tesouro imperial de modo comparável ao que a Inglaterra saqueou da Índia, África do Sul e Zimbábue. Em um mundo cada vez mais baseado nas relações de mercado, guerras coloniais não têm futuro econômico. Vultosos orçamentos militares, centenas de bases militares e alianças militares com Estados neocoloniais são os meios menos eficientes para competir com sucesso num mercado globalizado. Por essa razão, os EUA constituem um império em

declínio e a China, com sua abordagem centrada no mercado, um “novo tipo” de império emergente (*sui generis*).

## 12 PASSAGEM DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA?

Face ao demonstrado declínio econômico americano, pode a elite governante reconhecer que seu império não é sustentável (e muito menos desejável)? Os Estados Unidos podem aumentar suas exportações para a China e sua participação no comércio mundial para equilibrar suas contas apenas se realizarem profundas mudanças políticas e econômicas.

Nada menos do que uma revolução política e econômica pode reverter o declínio dos EUA. A chave para reequilibrar a economia estadunidense, hoje dirigida pelas finanças, é priorizar o setor industrial. Mas qualquer mudança requer a luta de classes contra o poder entranhado em Wall Street e Washington.<sup>36</sup> O atual setor privado manufatureiro estadunidense não demonstra interesse por tal mudança histórica. Até agora, fabricantes adquiriram ações ou essas foram compradas por instituições financeiras: eles perderam seu caráter diferenciador como setor produtivo.

Mesmo admitindo que haja uma mudança política no sentido da reindustrialização dos Estados Unidos, a indústria teria que baixar os seus lucros, aumentar seus investimentos em pesquisa aplicada e desenvolvimento e melhorar substancialmente a qualidade de seus produtos para se tornar competitiva nos mercados interno e externo. Vastas somas dispendidas em guerras, *marketing* e especulação precisam ser realocadas em serviços sociais abrangentes, como planos de saúde nacionais, engenharia de alta qualificação e aperfeiçoamento industrial, para aumentar a eficiência e a competitividade no mercado interno.

A transferência de um trilhão de dólares com gastos militares em guerras coloniais poderia facilmente financiar a reconversão para uma economia civil produzindo bens de qualidade destinados ao consumo local e externo, incluindo mercadorias e *commodities*, reduzindo produtos químicos tóxicos e fontes de energia ambientalmente nocivas.

Substituir bases militares por missões comerciais poderia aumentar a entrada de capital para os EUA e reduzir as saídas para o exterior. Dar fim aos laços políticos e aos bilhões de dólares de subsídios a estados militarizados como Israel e levantar as sanções econômicas impostas aos

principais mercados como o Irã diminuirá as saídas do tesouro estadunidense e melhorará os fluxos econômicos e as oportunidades para setores produtivos em todo o mundo muçulmano de 1,5 bilhões de pessoas.

Concentrar os investimentos na expansão do mercado de energia limpa e de tecnologia para as economias nacionais e internacionais irá criar novos empregos e reduzir o custo de vida, reforçando, simultaneamente, a qualidade de vida. Impostos confiscatórios sobre os milionários/bilionários, especialmente a elite dominante de *Wall Street*, e um limite nos rendimentos acima de um milhão de dólares podem financiar a segurança social e um sistema de saúde pública nacional abrangente, o que reduziria custos para a indústria e o Estado. A transição de império à república exige um profundo reequilíbrio do poder social e uma profunda reestruturação da economia estadunidense. Só então os Estados Unidos poderão competir economicamente com a China na economia mundial.

A transição de uma potência imperialista militarista, corroída por uma elite política corrupta em débito com uma elite econômica especuladora parasita, para uma república produtiva, com uma economia equilibrada e setores competitivos, exige mudanças políticas fundamentais e uma profunda revolução ideológica. Para trazer essa revolução política e econômica é necessária uma nova configuração do Estado, que deve praticar investimentos públicos, criando indústrias competitivas, aprofundar o mercado doméstico e expandir os serviços sociais.

Para ampliar os mercados externos, Washington deve acabar com os boicotes e a subserviência militar a Israel, impulsionada pela quinta coluna pró-israelita incorporada no topo das instituições financeiras e políticas e no controle da legislação.<sup>37</sup>

Parar a construção do império militar abrirá o fluxo de financiamento público para as inovações tecnológicas civis; acabar com as restrições sobre a venda de tecnologias para o exterior pode reduzir ainda mais os déficits comerciais e atualizar a produção local para níveis competitivos.

Maiores avanços exigem confrontação no topo com os ideólogos do capital financeiro e rejeição aos esforços que fazem para desviar a atenção de seu papel na destruição da América. A campanha para “culpar” a China por algo que na realidade é causado por desequilíbrios estruturais americanos deve ser enfrentada antes que nos leve a novas guerras comerciais caras e autodestrutivas ou coisa pior.

Os “desequilíbrios” internos na China são profundos e penetrantes e, ao longo do tempo, podem enfraquecer os pilares de sua expansão externa. As desigualdades de classe, o desenvolvimento regional desigual, a riqueza privada, a corrupção pública e o tratamento discriminatório dos imigrantes como cidadãos de segunda classe (um sistema de dupla cidadania) serão resolvidos internamente na medida em que as divisões sócio-econômicas se traduzam em luta de classes. Mudanças básicas no sistema de saúde privatizado em direção a um sistema de saúde pública nacional abrangente são essenciais, mas essas mudanças exigem um renascimento da luta de classes contra o Estado e os interesses privados.<sup>38</sup>

### 13 CONCLUSÃO

Tal como no passado, um poder imperial em declínio confrontado com profundos desequilíbrios internos, perda de competitividade no comércio de mercadorias e uma dependência excessiva de atividades financeiras busca retribuição política, alianças militares e restrições ao comércio para retardar sua morte.<sup>39</sup> A propaganda, ao despertar emoções chauvinistas fazendo do Estado imperial emergente um bode expiatório e forjando alianças militares para “cercar” a China, não tem absolutamente nenhum impacto. Não estancou a expansão dos laços econômicos da China com todos os seus vizinhos e não há perspectivas de que isso mudará em um futuro próximo. A China avançará com um crescimento de dois dígitos. O Império estadunidense continuará a chafurdar em estagnação crônica, guerras intermináveis e crescente confiança nos instrumentos de subversão política, promovendo regimes separatistas cujo colapso é previsto. Os EUA, ao contrário das potências coloniais estabelecidas em um período anterior, não podem negar o acesso chinês a matérias-primas estratégicas, como foi o caso do Japão. Vivemos em um mundo pós-colonial, onde a grande maioria dos regimes comerciará e investirá com quem paga o preço de mercado. A China, ao contrário do Japão, depende de garantir mercados por meio da competitividade econômica – o poder de mercado – não de conquistas militares. Ao contrário do Japão, possui uma vasta multidão de trabalhadores, não precisa conquistar e explorar o trabalho estrangeiro colonizado.

A construção do império chinês conduzido pelo mercado está sintonizada com os tempos modernos e impulsionada por uma elite livre para envolver o mundo em seus próprios termos, ao contrário dos Estados Unidos, atormentado por especuladores financeiros que devoram e destroem a economia, destruindo os centros industriais e transformando casas abandonadas em estacionamentos.

Se a elite imperial americana, neste momento, perde por não poder conter a ascensão da China como potência mundial, a massa da classe trabalhadora americana perde por não se mover de um império conduzido militarmente para uma república produtiva. A decadência econômica e as arraigadas elites políticas e sociais têm efetivamente despolitizado a insatisfação; crises econômicas sistêmicas têm sido convertidas em doenças privadas individuais. No longo prazo, algo terá que quebrar. O militarismo e o poder sionista irão sangrar e isolar tanto os Estados Unidos que a necessidade vai induzir a uma resposta forte. Quanto mais tempo levar, mais violento será o renascimento da república. Impérios não morrem em paz, nem as elites financeiras enraizadas em extraordinária riqueza e poder entregarão suas posições privilegiadas pacificamente. Só o tempo dirá por quanto tempo o povo estadunidense resistirá à expropriação de casas, à servidão ao empregador, à colonização da quinta coluna e à construção de um império militar baseado na decadência nacional.

---

Traduzido do inglês por Maria Elisabeth Duarte Silvestre

## REFERÊNCIAS

- BIX, Herbert. *Hirohito and the Making of Modern Japan*. New York, Harper Collins, 2000.
- JOHNSON, Chalmers. *Nemesis: The Last Days of the American Republic*. New York: Metropolitan Books, 2007.
- \_\_\_\_\_. *The Sorrows of Empire*. New York, Owl Books, 2005.
- KOLKO, Gabriel. *The Politics of War*. New York: Pantheon, 1990.
- MILLER, Edward. *Bankrupting the Enemy: The US Financial Siege of Japan before Pearl Harbor*. Annapolis MD, United States Naval Institute Press, 2007.
- PETRAS, James; MORLEY, Morris. "The Imperial State" in PETRAS, James et al. *Class, State and Power in the Third World*. Montclair, Allenheld and Osmun, 1981.

NOTAS

---

<sup>1</sup> *Defense Strategy for the 1990's*. Publicado posteriormente como *Defense Planning Guidance* (esboço, 1992).

---

<sup>2</sup> Diana Johnstone, *Fools Crusade: Yugoslavia, NATO and Western Delusions*. Monthly Review, NY, 2002..

---

<sup>3</sup> O manifesto neoconservador é emblemático dessa poderosa elite. Ver “The Project for the New American Century”. *Information Clearance House*, September 2000.

---

<sup>4</sup> Em Israel, oficiais americanos alinhados promoveram a guerra do Iraque. Ver James Petras, *The Power of Israel in the United States*. Atlanta, Clarity Press, 2006.

---

<sup>5</sup> A classe dominante chinesa tem produzido centenas de bilionários e, provavelmente, as piores desigualdades da Ásia. *Financial Times (FT)*, March 30, 2010, p. 9.

---

<sup>6</sup> O avanço da China e o crescimento de novas indústrias de alta tecnologia levaram a controles mais rigorosos das multinacionais estrangeiras de tecnologia. *FT*, February 22, 2010, p. 2. A China substituiu os EUA como maior fabricante de turbinas eólicas e produtor de “carvão limpo”, *FT*, Special Report on Energy, March 29, 2010. Quanto ao controle crescente da China sobre sua economia ver *FT*, April 08, 2010, p. 9.

---

<sup>7</sup> Em quase todas as edições do *Financial Times* há pelo menos um artigo acusando a China dos “desequilíbrios globais”. *FT*, March 31, 2010, p. 3; *FT*, April 6, 2010, p. 3/8.

---

<sup>8</sup> O orçamento militar americano mais do que duplicou nos últimos dez anos, chegando a um trilhão de dólares, dos quais 70% são despesas correntes de guerras em curso e preparação de novas guerras; o restante é para pensões e outros pagamentos relativos a guerras passadas.

---

<sup>9</sup> Tanto no Quênia como na antiga Rodésia (Zimbábue), funcionários do império britânico enfrentaram prolongada resistência para que a independência incluísse uma generosa compensação aos colonos pelas perdas de suas propriedades.

---

<sup>10</sup> Ver J. Petras. *Power of Israel in the United States* op cit; *Zionism, Militarism and the Decline of the US Power*. Atlanta, Clarity Press, 2008.

---

<sup>11</sup> Esse é, particularmente, o caso em que a configuração de poder sionista no governo promoveu sanções contra o Irã, a Síria e, antes, contra o Iraque. Um entre os muitos novos investimentos da China foi de 5 bilhões de dólares em campos de gás no Irã. *Global Research*, March 8, 2010.

---

<sup>12</sup> Em 2010, a China, assim como a Índia de maneira geral, terá substituído os EUA como principal importador de petróleo da Arábia Saudita. *FT*, February 22, 2010, p. 4.

---

<sup>13</sup> Israel possui a maior Força Armada *per capita*, o maior número de aviões-caça e de bombas nucleares do mundo. Próximo aos EUA, Israel invadiu mais países do que todo o restante dos países do Oriente Médio juntos.

---

<sup>14</sup> Do presidente Clinton (2000) a Obama (inclusive), os EUA gastaram mais de seis bilhões de dólares com militares, polícia secreta e esquadrões da morte na Colômbia. Os Estados Unidos possuem milhares de conselheiros militares e mercenários contratados operando na Colômbia. Os acordos militares com o Brasil e com o resto da América Latina estão em uma escala muito menor de penetração.

---

<sup>15</sup> A substituição dos EUA pela China como parceiro comercial dominante nos principais mercados latino-americanos recebeu apenas uma pequena parte da atenção que teria qualquer visita de um proeminente funcionário israelense.

---



<sup>16</sup> Governos clientes dos EUA foram derrubados no Quirguistão (2010), derrotados eleitoralmente na Ucrânia (2009) e confrontados por massiva oposição, após desastrosa aventura militar na Geórgia.

<sup>17</sup> “China Mobile Group axes Google”. *FT*, March 25, 2010, p. 1; *FT*, February 22, 2010, p. 2.

<sup>18</sup> Serviço de Pesquisa do Congresso, “China’s Holdings of Securities: Implications for the US Economy”. July 30, 2009.

<sup>19</sup> *FT*, 6 abr. 2010, p. 8. Fornece um relato das acusações de “manipulação cambial” feitas pelo Senado dos EUA à China.

<sup>20</sup> Yang Yao, “Renmibi Adjusted will not cure trade imbalances”. *FT*, April 12, 2010.

<sup>21</sup> Stephan Roach, “Blaming China will not solve America’s Problems”. *FT* March 30, 2010, p. 11.

<sup>22</sup> Uma típica reportagem do “medo da bolha” encontra-se no *FT* de 22 de fevereiro de 2010. Dois meses depois, a China “esfriou” a bolha forçando uma queda de 43% nos empréstimos bancários no primeiro trimestre. *Al Jazeera*, April 15, 2010.

<sup>23</sup> Ao contrário das acusações de negligenciar seu mercado interno, esse cresceu 15% mais do que no último ano. As importações da China estão crescendo mais rápido do que suas exportações. Ver Jim O’Neill, “Tough Talk on China ignore Economic Reality”. *FT*, April 01, 2010, p. 9.

<sup>24</sup> “Obama to press Hu on Teheran Sanctions”. *FT*, April 13, 2010, p. 3

<sup>25</sup> Numa reunião do G20, os EUA circularam uma carta condenando a China, mas apenas cinco países a assinaram. A enganosa manchete do *FT* dizia: “G20 ataca a taxa de câmbio da China”, *FT* 31, 2010, p. 3.

<sup>26</sup> A China está avançando em energia limpa. Em 2009, superou os EUA e se tornou o principal investidor em tecnologias de energias renováveis, aumentando, em cinco anos, 79% de sua capacidade instalada. *BBC News*, 26 mar. 2010.

<sup>27</sup> *FT*, April 12, 2010, p. 22. Projeções de crescimento baseadas no primeiro trimestre de 2010.

<sup>28</sup> *Al Jazeera*, March 12, 2010.

<sup>29</sup> *China Daily*, March 24, 2010. As diferenças entre as abordagens chinesa e americana para com o Afeganistão.

<sup>30</sup> O impulso dinâmico para garantir matérias-primas é ilustrado por maciços investimentos em minas de ferro na Rússia e na África. *FT*, April 13, 2010, p. 17.

<sup>31</sup> *Al Jazeera*, March 5, 2010.

<sup>32</sup> Hoje, o comércio EUA-China representa apenas 12% do comércio total chinês. *FT*, March 30, 2010, p. 11.

<sup>33</sup> “Planos de Xangai para se igualar a Nova York como centro financeiro mundial em 2020”. *FT*, 24/25 abr. 2010, p. 1.

<sup>34</sup> *FT*, April 13, 2010, p. 19.

<sup>35</sup> “China promete combater fratura social”. *Al Jazeera*, March 5, 2010.

<sup>36</sup> Para destaque similar no sentido de “reequilibrar” a economia britânica via financiamento de manufaturados, ver Ken Coultis e Robert Rowthorne, *U.K.: Either a Large Trade Surplus or Grim Prospects for Profits and the Fiscal Deficit*, citado no *FT*, April 14, 2010, p. 11.

<sup>37</sup> Por uma margem superior a 300 sobre 10, os congressistas estadunidenses assinaram uma carta escrita pela entidade AIPAC, apoiando Israel e exigindo de Obama a retratação por sua "pressão" para Israel desistir da ocupação de propriedades palestinas. Ver *FT*, April 24/25, 2010, p. 3.

---

<sup>38</sup> Waikung Tam, "Privatizing Health Care in China: Problems and Reforms." *Journal of Contemporary Asia*. Vol. 40(1), Feb. 2010, p. 63-81.

---

<sup>39</sup> "US tightens missile-shield encirclement of China and Russia." *Global Research*, March 4, 2010.

---